



PEDAGOGIA E PEDAGOGOS: DESAFIOS DA FORMAÇÃO E DILEMAS IDENTITÁRIOS

*Midiã Izlia Praxedes dos Santos- Iure Coutre Gurgel- yurecoutre@yahoo.com.br-
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN*

RESUMO

A prática docente do educador é hoje discutida/refletida por diferentes teóricos com o objetivo de se (re)pensar continuamente a melhoria da prática pedagógica. Este trabalho tem como objetivo refletir sobre os desafios enfrentados pelos pedagogos em seu percurso formativo e identitário. Assim, para a construção deste trabalho nos fundamentamos em: Charlot (2013), Saviani (1999), Saviani (2012), Tardif (2014) e Freire (2014), dentre outros. A metodologia que fundamenta esta pesquisa é de natureza qualitativa, através de um estudo bibliográfico. Os resultados evidenciam que o pedagogo enquanto docente, por sua vez, ainda se encontra inserido em uma realidade política e social que pouco valoriza a carreira do professor. Embora exija-se cada vez mais preparo, constante atualização de saberes, o pedagogo encontra-se mergulhado em um ambiente que propaga a ideia do professor como profissional movido por uma missão, discurso que valida a precarização das condições de trabalho e baixos salários.

PALAVRAS-CHAVE: Pedagogia. Formação Docente. Identidade Docente.

CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

O exercício da docência em nosso país é marcado por conflitos, seja no seio da sociedade, permeando as esferas política, econômica e social, seja no interior da própria instituição escolar. Mas, estes conflitos tornam-se cada vez mais específicos e particulares a medida em que surgem os recortes regionais, área de atuação, das instituições públicas ou privadas, faixa etária dos alunos, dentre outros.

No caso do profissional pedagogo que atua na docência, tais conflitos influenciam diretamente na sua profissionalização, na construção de seus saberes e de sua identidade. Para entender a formação do professor pedagogo, buscamos junto à Charlot (2013), Saviani (1999),

¹ Professora da rede estadual do Rio Grande do Norte. Especialista em Educação pela Faculdade Integrada de Patos.

² Professor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte UERN, Campus Avançado de Patu- CAP.



Saviani (2012), Tardif (2014) e Freire (2014), através de seus estudos e pesquisas, bases para refletirmos a construção identitária profissional do pedagogo e como esse profissional se coloca em sociedade atualmente. Tais reflexões são imprescindíveis para construção de um currículo de cursos de formação inicial e continuada que atendam as reais demandas sociais, à medida em que garante ao professor a realização de uma prática crítica e consciente.

BREVES CONSIDERAÇÕES ACERCA DO CONTEXTO HISTÓRICO DO CURSO DE PEDAGOGIA NO BRASIL

São muitos os aspectos e condicionantes passíveis de serem analisados no estudo da constituição da identidade do professor pedagogo. Essa identidade não é um dado imutável e singular, mas está em permanente transformação, é plural e inconcluso. Essas qualidades, não estão apenas intrincadas na história particular dos sujeitos enquanto profissionais. São forjadas no próprio movimento da sociedade e da história que busca imprimir um determinado perfil profissional, atendendo as necessidades desta, ao mesmo tempo em que busca acompanhar a evolução dos conceitos de educação e da compreensão dos processos de ensino-aprendizagem.

As principais transformações deste perfil profissional ocorrem nas faculdades de Pedagogia, que por sua vez, acompanham o movimento histórico e social de renovação de suas propostas, currículo e objetivos. Portanto, não podemos entender o pedagogo sem conhecermos os perfis de suas instituições formadoras.

De acordo com Saviani (2012), no Brasil, o curso sofreu ao longo da história, inúmeras mudanças em seu currículo e organização. O curso de Pedagogia no país, foi criado em 4 de abril de 1939, pelo Decreto-Lei n. 1190, organizado na Faculdade de Filosofia, juntamente com os seguintes cursos: Filosofia, Ciências, Letras e Didática, este último em “caráter especial”. O curso de Pedagogia foi constituído em caráter de Bacharelado, com diplomação obtida em três anos de curso. A licenciatura seria obtida com o curso de Didática, durante um ano de formação. Assim, surge a forma de organização do curso no esquema 3+1 – 3 anos de Bacharelado em Pedagogia e 1 ano de Didática garantindo assim a habilitação de licenciatura.



No momento de sua criação, o currículo do curso de Pedagogia sofreu forte influência do movimento escolanovista, com suas ideias em efervescência no país. Ao mesmo tempo, a igreja católica buscava criar suas próprias instituições com um currículo fortemente ligado ao modelo tradicional e permeado por sua concepção de homem e conseqüentemente de educação. A partir daí muitas outras correntes pedagógicas e filosóficas moldaram o currículo dos cursos de Pedagogia e o perfil do pedagogo ao longo dos anos.

Atualmente os cursos de Pedagogia oferecem habilitação em licenciatura plena, ao passo que, compreendendo que o campo de atuação dos pedagogos ultrapassa as salas de aula, oferecem um currículo igualmente amplo e complexo, capacitando o pedagogo para a atuar na administração, supervisão e coordenação de espaços escolares e não-escolares, além da capacitação do exercício da docência.

Toda via, o curso de Pedagogia continua sendo repensado. Justamente por seu caráter pluridisciplinar, sua abrangente área de atuação, hoje os cursos enfrentam alguns dos dilemas encarados no passado: se prepara o pedagogo para tudo e ao mesmo tempo não se conquista a excelência necessária em nenhuma de suas áreas de abrangências. É o que se tem avaliado interna e externamente nas instituições. Um dos principais aspectos avaliados como deficitário nos últimos anos tem sido o referente ao preparo do pedagogo e da pedagoga para atuar em sala de aula. Tem se considerado o curso acentuadamente teórico e pouco prático Tardif (2014).

Estas avaliações projetaram recentes reestruturações curriculares. Com mais disciplinas práticas e mais horas destinadas ao tempo de estágio supervisionado. As faculdades de Pedagogia têm buscado cada vez mais se adequar às demandas sociais e atender as necessidades de uma formação que garanta um leque de possibilidade de atuação e flexibilidade. Ao mesmo tempo, este encargo dos cursos de formação inicial em atender plenamente todas a demandas do professor pedagogo, justificam as falhas no que diz respeito ao exercício da docência. Neste contexto, se faz imprescindível o investimento em formação continuada.

CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO PEDAGOGO NA DOCÊNCIA

O pedagogo enquanto profissional docente, assim como a Pedagogia enquanto ciência da educação, possuem uma história ainda recente e portanto, o debate em torno da identidade do pedagogo e sua formação, tem sido bastante



intenso e de grande relevância no campo educacional. E a cada nova pesquisa, muitos pontos têm sido elucidados, diferentes ciências vêm trazer um olhar peculiar acerca do pedagogo e enriquecendo as inúmeras compreensões sobre o profissional na atualidade. O próprio conceito de identidade, de forma mais geral, tem se tornado tema recorrente das mais diversas áreas como sociologia, filosofia e psicologia. Em uma sociedade que vivencia fortes avanços tecnológicos e ao mesmo tempo mergulhada em inúmeras crises, de caráter econômico, social, político e humanitário, compreender as identidades dos sujeitos, das instituições, revela a dinâmica de suas relações.

Sobre a identidade do pedagogo em exercício de docência, esta começa a ser construída desde o início da vida escolar do sujeito, antes mesmo da escolha de sua futura profissão. O professor, em formação, trará, para somar à sua experiência acadêmica e em seguida, à sua experiência profissional, a compreensão dos processos de ensino-aprendizagem, do ser aluno e do ser professor adquiridas em suas experiências escolares anteriores. Há estudiosos que afirmam mesmo que, aquilo que o professor em formação apreendeu durante sua vida escolar se torna bem mais sólido e contundente do que os saberes sistematizados no campo acadêmico. De acordo com Tardif (2014, p. 75) apud Raymond et al. (1993):

“[...] esses esquemas de ação e essas teorias atributivas são, em grande parte, implícitos, fortemente impregnados de afetos e percebidos pelos jovens professores como certezas profundas. Eles resistem ao exame crítico durante a formação inicial e perduram muito além durante os primeiros anos de atividade docente.”

O ser professor será em parte formado por influências de professores que marcaram sua trajetória escolar, até mais do que as teorias, conceitos estudados na graduação e experiências de estágio profissional.

Interessante análise feita por Tardif (2014), nos mostra que os professores não absorvem as teorias pedagógicas e formação inicial de forma passiva, ao contrário, estão em permanente reflexão contrapondo teoria e prática, e sendo capazes de avaliarem as deficiências do próprio curso e a distância, ainda acentuada existente entre universidade e escola pública. Como cita Tardif (2014, p. 51):

‘Alguns docentes vivem essa
distância como um choque (o



choque da ‘dura realidade’ das turmas e das salas de aula) quando de seus primeiros anos de ensino. Ao se tornarem professores, descobrem os limites de seus saberes pedagógicos. Em alguns, essa descoberta provoca a rejeição pura e simples de sua formação anterior e a certeza de que o professor é o único responsável pelo seu sucesso.”

Todavia, com o passar dos anos e à medida que o docente se apropria dos conhecimentos práticos e adquire maior segurança em sala, este passa a olhar novamente para a sua formação inicial como elemento indispensável para sua atuação, reconhece o seu valor em sua profissionalização.

PEDAGOGIA TRADICIONAL E PEDAGOGIA CONSTRUTIVISTA: DEFINIÇÃO DO PERFIL DO PEDAGOGO E CONTRADIÇÕES NO INTERIOR DAS INSTITUIÇÕES.

A formação do perfil do pedagogo, sua identidade, é influenciada por diversas concepções e teorias educacionais. A construção e propagação das teorias educacionais por sua vez, estão intrinsecamente ligadas ao modelo econômico e projeto político de um Estado. Saviani (2012, p. 67), agrupa as principais correntes pedagógicas em cinco grandes tendências: a humanista tradicional, a humanista moderna, a analítica, a tendência crítico-reprodutivista e a histórico-crítica.

Na tendência humanista tradicional, o professor e seus saberes se encontram no centro do processo de ensino-aprendizagem. O docente assume o protagonismo, sendo o principal responsável pela transmissão desses saberes. Sua prática em sala de aula é diretiva e as aulas expositivas são predominantes, bem como, os exercícios de fixação e memorização do conteúdo. A autoridade do pedagogo é inquestionável.

Já na tendência humanista moderna, que tem como principal referência o movimento escolanovista, o professor sai do centro do processo de ensino-aprendizagem para dar espaço ao protagonismo do aluno. A tendência é o não-diretívismo, A atividade, experiências e interesses dos estudantes deverão nortear a dinâmica das aulas.

A concepção analítica, não se detém em traçar perfis de professores ou de alunos, muito menos de definir métodos e didática. Trata-se de uma concepção que busca analisar a linguagem pedagógica e dela extrair condicionantes e compreensões acerca do ambiente educacional. A concepção teórico-reprodutivista por sua vez, procura analisar o processo educativo em seu



contexto político e sócio econômico. É crítico-reprodutivista, porque acredita que a escola reproduz todas as regras da sociedade. Se é uma sociedade excludente, a escola será igualmente um espaço de exclusão.

A concepção histórico-crítica, analisa os processos educacionais em seu contexto histórico, social, político, econômico e cultural. É crítica do contexto em que os sujeitos estão inseridos, avaliando condicionantes, limites, possibilidades do meio, o poder de influência deste sobre a organização da escola. Mas, também crítica, porque nega o fatalismo presente na compreensão da tendência teórico-reprodutivista. Na corrente pedagógica histórico-crítica, professor e aluno são sujeitos do processo ensino-aprendizagem. No seio desta escola os sujeitos nela envolvidos podem encontrar como possibilidade a compreensão de sua realidade, a luta, o movimento e a superação.

Das cinco tendências mencionadas acima, a pedagogia tradicional e a pedagogia moderna ou construtivista têm definido o perfil do pedagogo, ou pelo menos tem sido utilizadas como parâmetro para defini-lo. Importante frisar que, culturalmente, no senso comum, o pedagogo avaliado como tendo uma postura tradicional é igualmente visto como um profissional ultrapassado e limitado. O pedagogo do modelo escolanovista se coloca como modelo ideal de professor. Mas o que é ser um pedagogo tradicional?

Em uma crítica à tendência de se avaliar a Pedagogia Tradicional como a principal vilã, ou responsável por todo o fracasso escolar no país, Saviani (1999) levanta a discussão e analisa de forma muito peculiar o contexto em que se criou esse pré-conceito. A escola tradicional surge, em um determinado momento histórico, da luta burguesa pela concretização de seus ideais de democracia, cujo objetivo principal era o movimento revolucionário era tirar do poder grupos da nobreza e do clero e instaurar assim uma nova ordem social.

A escola tradicional surge a partir dos ideais revolucionários de liberdade, igualdade e fraternidade, na compreensão de que a gradativa universalização do ensino seria a ponte para construção de uma sociedade pautada por uma nova ordem. No entanto, revolução instaurada e novo regime consolidado, a burguesia passa a ser a detentora do poder e a ela não interessa mais a revolução, muito menos dividir a supremacia conquistada com a classe trabalhadora. O modelo da escola tradicional, passa a não mais atender seus interesses e portanto, é duramente criticada. Da crítica, surge o modelo da Escola Nova. Na defesa Escola Nova, a Escola



Tradicional passa a ser acusada de não-científica, toda via como cita Saviani (1999, p. 54, 55):

“No entanto, esse ensino dito tradicional se estruturou através de um método pedagógico, que é o método expositivo, que todos conhecem, todos passaram por ele, e muitos estão passando ainda, cuja matriz teórica pode ser identificada nos cinco passos formais de Herbart. Esses passos, que são o passo da preparação, o passo da apresentação, da comparação e assimilação, da generalização e, por último, da aplicação, correspondem ao esquema do método científico indutivo, tal como fora formulado por Bacon, método que podemos esquematizar em três momentos fundamentais: a observação, a generalização e a confirmação. Trata-se, portanto, daquele mesmo método formulado no interior do movimento filosófico do empirismo, que foi a base do desenvolvimento da ciência moderna.”

Os defensores da Escola Nova também acusaram a Escola Tradicional de ser medieval, sendo que esta surge juntamente no contexto posterior a revolução industrial, como elucidada Saviani (1999, p. 54):

“[...]Nesse sentido os métodos tradicionais são remetidos para a Idade Média, portanto, para um caráter pré-científico, e mesmo anticientífico ou seja, dogmático. Ora, no entanto, essa crença que a Escola Nova propaga é uma crença totalmente falsa. Com efeito, o chamado ensino tradicional não é pré-científico e muito menos medieval. Esse ensino tradicional que ainda predomina hoje nas escolas se constituiu após a revolução industrial e se implantou nos chamados sistemas nacionais de ensino, configurando amplas redes oficiais, criadas a partir de meados do século passado, no momento em que, consolidado o poder burguês, aciona-se a escola redentora da humanidade, universal, gratuita e obrigatória como um instrumento de consolidação da ordem democrática.”

E estes discursos ecoam até os dias de hoje. Cada vez mais distantes de seus contextos. Importante ressaltar que o autor não busca defender com esse resgate histórico o modelo tradicional como o modelo eficaz, mas, busca desmistificar o discurso que coloca a pedagogia tradicional como uma não-pedagogia, ou uma anti-pedagogia, e ignora que esta também possui suas virtudes e trouxe grandes contribuições para produção do conhecimento. É na discussão em torno da Pedagogia Histórico-crítica que Saviani (1999), busca extrair o que há de positivo nas pedagogias tradicional e moderna para chegar à uma Pedagogia crítica e verdadeiramente democrática.

Até hoje, as correntes pedagógicas acima citadas convivem e dividem o espaço. Pedagogos, em suas salas de aula, ora apresentam uma postura tradicional, ora apresentam posturas construtivas ou, na pior das hipóteses, não possuem consciência de uma filosofia educacional e de uma identidade didática. Repetem



receitas que lhes são apresentadas como infalíveis, ocasionando dessa forma, no desenvolvimento de uma prática que, na maioria das vezes, não se tem o aluno e a aprendizagem como elementos imprescindíveis no processo de construção do conhecimento.

O que se demonstra, na maioria das vezes, é uma falta de compreensão do que seja um método tradicional e um método pedagógico construtivista. Se pedirmos a alguns pedagogos que explicitem o seu entendimento acerca dessas duas correntes pedagógicas e, ao mesmo tempo, solicitemos a eles que nos deem a definição da metodologia de ensino utilizada por cada uma dessas correntes, os seus relatos serão predominantemente carregados de pré-conceitos, palavras e expressões que se tornaram vazias no discurso pedagógico, de tanto serem repetidas e desconectadas da historicidade e cientificidade que as originaram. No caso da recorrente crítica aos métodos tradicionais, nos referendamos a Charlot (2013, p, 111,112) ao evidenciar:

“O professor é rotulado como tradicional, ainda, quando utiliza os mesmos métodos pedagógicos dos professores das gerações anteriores. Vale refletir sobre esse argumento. Primeiro: não corresponde à realidade atual: nenhum professor ensina como faziam outrora. [...] Segundo: o argumento não corresponde à realidade histórica. Acredita-se que é tradicional o professor que ministra aulas expositivas à alunos passivos. Na verdade, esse método não é tradicional, é um desvio ocorrido no século XX. O método tradicional, solicita muito a atividade do aluno, que, no ensino primário faz exercícios e, redige versões, temas, dissertações e etc.”

Por sua vez, há a tendência de se separar pedagogos em bons e maus professores a partir das definições de professor tradicional e professor construtivista, pois, como analisa Charlot (2013, p 110): “ ‘Tradicional’ passou a ser um insulto, evocando a poeira das antigas casas e as lixeiras da Pedagogia”. Por outro lado, construtivista passou a evocar o que há de mais atualizado, eficaz e completo no âmbito educacional.

Nesse contexto de embate entre concepções e métodos educacionais, ao pedagogo exige-se que possua em sala de aula, uma postura construtivista. Aulas contextualizadas, dinâmicas, onde os alunos sejam os protagonistas do processo ensino-aprendizagem, questionando, levantando hipóteses, produzindo. Numa aula construtivista são valorizados o processos, as atividades e as etapas construídas pelos alunos que o levaram a chegar a um determinado conceito e desenvolver uma determinada habilidade. O pedagogo precisa ser paciente, compreendendo que cada criança é única, apresenta um ritmo, um nível de maturação cognitiva e um contexto social que faz com



que cada uma responde de forma específica aos estímulos e atividades propostas em sala de aula.

O discurso é construtivista, as teorias abordadas em formação inicial e continuada são construtivistas. No entanto, o sistema de ensino ainda é tradicional. Baseado em notas e índices de resultados de avaliações externas, todo o entendimento do processo de construção das aprendizagens advindo da concepção construtivista é posto de lado para dar lugar às avaliações que transformam tudo em números, números que retêm, excluem, reprovam os alunos. Um sistema de notação que impõe rótulos e estigmatiza, que vai de encontro ao conceito de avaliação formativa que orienta os professores a entenderem o erro do aluno como um dos caminhos necessários ao acerto. Charlot (2013, p. 114, 115) ressalta:

“As professoras ensinam em escolas cuja forma básica foi definida nos séculos XVI e XVII: um espaço segmentado, um tempo fragmentado, uma avaliação que diz respeito ao valor da pessoa do aluno. Essa forma escolar condiz com a pedagogia tradicional. [...] Imaginemos uma professora que leva a sério a injunção construtivista: mobiliza os seus alunos em pesquisas, desenvolve projetos, pratica uma avaliação formadora, diagnóstica e reguladora. E, no final do mês, do semestre ou do ano, a sua diretora lhe pede... A nota dos alunos!”

As avaliações internas e externas que medem por notas o nível de desenvolvimento cognitivo do aluno, sua capacidade de avançar para outro ano escolar e o desempenho da instituição escolar, também avalia a produtividade do professor. Como analisado por alguns estudiosos, Charlot (2013), a pressão dessas avaliações, por sua vez, pressiona o professor a mostrar “um bom trabalho” que o leva a cair no erro de transformar suas aulas, muitas vezes em verdadeiros cursos preparatórios para que a escola possa obter um bom percentual no IDEB e elevado número de alunos aprovados em vestibulares.

O PEDAGOGO E OS SABERES PEDAGÓGICOS: EM BUSCA DE UMA IDENTIDADE PROFISSIONAL E SUPERAÇÃO DOS DISCURSOS ROMANTIZADOS.

O Pedagogo, enquanto professor polivalente, precisa mobilizar uma série de saberes para o exercício de sua atividade. Os saberes disciplinares, que constituem os saberes acerca das disciplinas do currículo como: Língua Portuguesa, Matemática, História, Ciências Naturais, Artes, Educação Física, dentre outras



disciplinas específicas à região e município em que este se situa.

Além dos saberes disciplinares, acima mencionados, Tardif (2014), fala de mais três saberes essenciais à formação profissional docente, os saberes pedagógicos, que dizem respeito as ciências que estudam os processos educativos nas mais diferentes áreas, como: Psicologia, Sociologia da Educação, Didática e tantas outras; saberes curriculares, que dizem respeito a forma de organização das instituições e mecanismos que norteiam o trabalho docente, como objetivos, conteúdos e métodos; e por último, temos os saberes das experiências, adquiridos de forma informal, no seio do própria atividade docente em sintonia com as contribuições dos demais saberes.

O pedagogo é cada vez mais cobrado a atualizar-se e capacitar-se ao passo que tal exigência de profissionalização não vem acompanhada de igual valorização, seja ela salarial ou social. A tradição e historicidade da construção do pedagogo, no Brasil em específico, é carregada de romantismo, ao mesmo tempo em está longe de alcançar o status das outras profissões que exigem o ensino superior.

De acordo com um repertório de conceitos oriundos de uma visão romântica do ser professor, construída desde a vinda dos Jesuítas ao Brasil, concebe-se o professor como aquele profissional que assume uma missão, sendo assim, o amor ao trabalho, a mobilização de seus dons e a vocação para uma causa, deve ser seu principal discurso. A mobilização por melhores condições salariais deve ser posta em segundo plano. No caso do pedagogo em específico, o romantismo se torna mais acentuado, por este ter, como público alvo, as crianças.

Se de um lado, o pedagogo vive em uma sociedade que exige cada vez mais capacitação, de outro, não recebe uma resposta ou retorno em termos de valorização de carreira e reconhecimento social. Convivem, no mesmo espaço, dois discursos quase irreconciliáveis, o Pedagogo, como um cientista da educação e um outro, implícito, o do Pedagogo como missionário, que trabalha por amor e com amor. A afetividade parece ser o seu principal instrumento de trabalho. Esperando-se que assuma uma postura quase maternal, a professora chega mesmo a ser chamada de “Tia”.

Encontra-se velado nesse discurso, uma ideologia que serve ao Estado para legitimar a falta de incentivo a valorização da carreira docente e portanto precarização de condições salariais e de trabalho. Quantas vezes não são



apresentados aos professores que se encontram desestimulados em seu ambiente de trabalho, exemplos isolados de professores que conseguem, em meio às dificuldades, experiências exitosas, reforçando a crença de que, independente das circunstâncias, com amor e muito esforço, o professor, a professora conseguirá desempenhar com maestria seu trabalho. A despeito disso, Freire (2014, p 66), ressalta:

“Uma das formas de luta contra o desrespeito dos poderes públicos pela educação, de um lado, é a nossa recusa a transformar nossa atividade docente em puro bico, e de outro, a nossa rejeição à entendê-la e a exercê-la como prática afetiva de ‘tias e de tios’”.

Assim, conforme evidencia Freire (2014), na citação acima, reconhecemos a necessidade do educador de construir a sua identidade profissional por meio de um trabalho de qualidade e que esteja fundamentado nos princípios éticos, políticos e estéticos da profissão docente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a bibliografia pesquisada, são múltiplos os desafios enfrentados pelo professor pedagogo no Brasil na busca de um perfil que o possibilite construir uma identidade docente afirmativa, ao mesmo tempo são diversos os saberes e as exigências de capacitação para uma atuação em sala de aula que satisfaça as demandas da sociedade atual. Pela própria história de construção e reformulações do curso de Pedagogia no país, o perfil deste profissional encontra-se no centro de contradições longe de serem superadas em sua grande maioria.

Observam-se críticas ao currículo do curso de Pedagogia referentes a ainda notória deficiência em preparar pedagogo para atuar com segurança e qualidade em sala de aula. O curso mantém-se amplo, para garantir capacitação adequada ao vasto campo de atuação do profissional da pedagogia, no entanto, acaba não atendendo de forma pontual e qualitativa no que se refere à formação docente. No campo das teorias pedagógicas encontramos o embate entre as diferentes correntes, que ora buscam firmar-se enquanto superiores, ora dividem o mesmo espaço, seja numa mesma escola ou na postura de um mesmo professor.



O pedagogo enquanto docente, por sua vez, ainda se encontra inserido em uma realidade política e social que pouco valoriza a carreira do professor. Embora exija-se cada vez mais preparo, constante atualização de saberes, o pedagogo encontra-se mergulhado em um ambiente que propaga a ideia do professor como profissional movido por uma missão, discurso que valida a precarização das condições de trabalho e baixos salários.

Estas são algumas das muitas contribuições que teóricos como Tardif (2014), Saviani (2012), Saviani (1999), Charlot (2013), Freire (2014), trazem para entendermos a situação do pedagogo que atua em sala de aula, os conflitos identitários, formação e carreira, que por sua vez afetam diretamente sua relação com o trabalho. Compreender estes condicionantes e identificar as contradições vivenciadas pelos professores contribuem para a melhoria das políticas de valorização do profissional, colabora com os próprios cursos de formação inicial e continuada no sentido de melhorias curriculares para corrigir deficiências.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB Lei nº 9394/96.
- CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber às práticas educativas**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2013.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 49. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 12. ed. São Paulo, Cortez, 2010.
- PIMENTA, S.G. **Formação de professores: Identidade e saberes da docência**. In: PIMENTA, S.G. (Org.) **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 1999.
- SAVIANI, Dermeval. **A pedagogia no Brasil: história e teoria**. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.
- _____. **Escola e Democracia**. Edição Comemorativa. Campinas: Autores Associados, 2008.
- TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.